

## Resenha

HALÍK, Tomás. *O entardecer do Cristianismo*. A coragem de mudar. Petrópolis: Vozes, 2023

Ana Maria Correa Moreira da Silva<sup>1</sup>

Em *O Entardecer do Cristianismo*, o filósofo, teólogo e padre católico Tomás Halík inspira-se na metáfora usada pelo psiquiatra Carl Jung em sua comparação das diversas fases da vida com o curso de um dia para aplicá-la à história do Cristianismo. Do mesmo modo que o amanhecer representa um começo que pode ser promissor, o entardecer simboliza a aproximação do fim, que pode ter ares de decadência e mesmo de crise. Esta é a proposta inicial do livro, de apresentar a crise pela qual passa o Cristianismo atual, sem, porém, se restringir a apenas descrevê-la. Isso porque, além de expositivo, o livro também é propositivo, pois seu autor propõe ao mesmo tempo uma solução para esse problema, expressa em seu subtítulo – *A Coragem de Mudar* –, com base na ideia derivada da Bíblia de que a noite marca o início de um novo dia.

A obra mostra-nos que, ao longo de sua história, o Cristianismo consolidou-se como religião no sentido de *religio*, entendido como a reunião de crenças espirituais, de práticas públicas e privadas, bem como de visões filosóficas e morais num único conceito, moldado por uma única instituição. Era a época da *Christianitas* (*Civilização Cristã*), como um fenômeno político e cultural que o Iluminismo do século XVIII ajudou a eliminar.

Neste sentido, um dos méritos do livro de Halík está no retrato lúcido que fornece do processo histórico que levou o Cristianismo contemporâneo ao esvaziamento de sua influência na sociedade. Se antigamente era a cultura que fazia parte da religião, atualmente é a religião que faz parte da cultura, se o fizer. A religião não é mais onipresente e por isso “invisível” como o ar que respiramos; ela é apenas

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2005), mestrado em Filosofia (Lógica e Metafísica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2013). De 2015 a 2017, realizou estágio de Pós-Doutorado em Filosofia na PUC/Rio, na área de Metafísica da Ciência. Atualmente é Pesquisadora Colaboradora Plena junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília (UnB), na qual realiza pesquisas sobre Filosofia da Religião.

um dos muitos “jogos de linguagem”, no sentido introduzido pelo filósofo Ludwig Wittgenstein. Alie-se a isso o fato de o Cristianismo, desde a Reforma, ser um termo plural: existem religiões cristãs, assim como existem outras religiões ao redor do mundo, o que torna ainda mais desafiadora a tarefa de se manter um diálogo interreligioso frutífero.

Halík fornece um diagnóstico preciso da natureza da crise por que passa o Cristianismo neste Terceiro Milênio, também chamado de *Nova Era Axial*<sup>2</sup>. Ele apresenta uma visão crítica da Igreja cristã nos diversos países, que hoje enfrenta uma série de dificuldades relacionadas aos movimentos conhecidos como Clericalismo, Tradicionalismo, Fundamentalismo e Fideísmo, incapazes, segundo ele, de fazer frente aos desafios da contemporaneidade.

A atualidade do livro de Halík está na constatação de que a maior ameaça ao Cristianismo não se encontra mais no Humanismo Secular que despontou no mundo ocidental na década de 1960. Seu concorrente mais forte parece ser a chamada *Nova Espiritualidade*, que pode ser com ou sem religião, e vem surgindo como um fenômeno social de maior complexidade do que aquele materialismo ateu e cientificista dos últimos dois séculos. Depois de perderem o controle da esfera secular, as Igrejas perderam o controle da vida religiosa, não detendo mais o monopólio da espiritualidade. Nesse novo mundo pluralista, pós-moderno e pós-secular, existe uma tendência de personalização da religião ou individualização da espiritualidade, derivada, entre outras razões, da “necessidade de compensar o barulho, o estresse e a superficialidade de um estilo de vida muito tecnologizado, através de um mergulho no silêncio, na interioridade e na profundidade” (HALIK, 2023, p. 240).

Após constatar que o processo de secularização não eliminou a religião, mas apenas a transformou, Halík se pergunta se o incremento de novas formas de espiritualidade representa uma revitalização da anterior espiritualidade religiosa, ou um mero substituto para uma religião em declínio. Em ambos os casos, corre-se o risco de substituir o Cristianismo autêntico por um Esoterismo sincreticamente ambíguo – confortável, sem transcendência, dogmas ou moralidade. As manifestações atuais desse pseudomisticismo são fomentadas por um mercado de

---

<sup>2</sup> De acordo com Karl Jaspers na obra *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte* (1949), a Era Axial compreende o período da história da humanidade entre os anos 800 AC e 200 AC, durante o qual surgiram as principais ideias que fundamentam as atuais religiões mundiais, como Judaísmo, Cristianismo, Islam, Hinduísmo e Budismo.

drogas químicas e psicológicas financeiramente atraente, contrastando com as experiências profundas de místicos atemporais como Santa Teresa de Ávila, São João da Cruz e Santo Inácio de Loiola, cujas bases filosóficas Halík analisa.

O autor prossegue afirmando que, além das críticas da militância ateuista e da concorrência das novas espiritualidades, o Cristianismo enfrenta neste momento um inimigo invisível que parece ainda mais inatingível, que é a notória indiferença que desperta sobretudo entre os mais jovens, manifestada paradoxalmente pelo silêncio sobre o tema nas redes sociais de que participam. Vê-se, pois, que lentamente parte do mundo passou do ateísmo para o *apateísmo*, isto é, a indiferença religiosa.

Esses são alguns aspectos da crise atual do Cristianismo que o livro descreve, a qual, segundo Halík, vem sendo inutilmente combatida pelos clérigos com medidas tradicionalistas embasadas na valorização utópica de um passado distante, o qual se tenta imitar de forma não criativa e, por isso, ineficiente. Fazendo eco às palavras do Papa Francisco de que vivemos numa época de profundas transformações, Halík sugere que se veja nosso tempo como *Kairós*, ou seja, como uma oportunidade única de o Cristianismo transcender a si mesmo, na forma de um universalismo de base ecumênica. Para ele, chegou tarde demais a tentativa da Igreja de conciliar o Cristianismo com a Modernidade, e hoje nos encontramos na pós-modernidade, que requer outras atitudes. Se nunca passou da metade o esforço de um Ecumenismo em tríplice sentido – unidade entre os cristãos, diálogo com as outras religiões e aproximação com o humanismo secular –, retomar esse caminho permanece como tarefa para a *tarde* do Cristianismo.

É nesse ponto que a obra *O Entardecer do Cristianismo* aponta um caminho promissor para um novo alvorecer da espiritualidade cristã. Partindo da psicologia profunda, seu autor analisa o contexto mais amplo do fenômeno da *fé*, compreendida como uma confiança existencial no mistério da realidade. Ele distingue *fé* e *crença*, o que lhe permite falar da fé dos que não creem e, assim, diminuir o hiato entre os chamados crentes e não crentes. Para Halík, a fé surge como orientação existencial e experiência do mistério a partir do caminho da dúvida, ao passo que a crença surge como atitude direcionada a uma objetificação daquilo que, por sua natureza, é inefável. O ato de fé traduz-se em *como* acreditamos, e não *em que* acreditamos, o que lhe dá uma dinâmica e amplitude que ultrapassa todos os dogmatismos, sejam eles religiosos ou ateus.

A fé surge como uma jornada em busca do Deus que “está em todas as coisas”, que é mais profundo dentro de nós do que nosso próprio eu, que é o “eu do nosso eu” (HALIK, 2023, p. 26). Como tal, a fé pode representar adequadamente a experiência espiritual do nosso tempo pós-moderno, de um modo que nem o teísmo pré-moderno e nem o ateísmo moderno conseguiram fazer. Após enfrentar as turbulências da dúvida existencial ou filosófica, e passar pelo “fogo purificador da crítica ateísta”, a fé desponta como mais profunda, pura e madura, naquele fenômeno que Halík chamou de *anateísmo*, que significa *acreditar de novo*, ou seja, de forma mais crítica e autêntica. Ao lado dessa fé entendida como confiança, surge a esperança na forma de uma *autotranscendência*. Diz ele: “Vivo em um ‘não sabemos’ que tem a janela aberta da palavra ‘talvez’. Assim, o ar fresco da esperança flui livremente em minhas perguntas e escuridão. Repito eu nunca, em circunstância alguma, fecharia essa janela” (HALIK, 2023, p. 274).

Neste sentido, é muito salutar a opção de Halík pela Teologia Negativa ou Apofática, que, ao superar o egocentrismo espiritual em direção ao *eu interior* mais verdadeiro e essencial, se revela como o melhor caminho para a reconstrução do Cristianismo, face aos desafios da contemporaneidade. Mais uma vez em suas palavras: “O inefável mistério a que chega a Teologia Apofática, destruindo todas as afirmações positivas e, em última análise, também negativas sobre Deus, eu defenderia até o meu último suspiro” (HALIK, 2023, p. 269).

Em 2014, Thomas Halík recebeu o prêmio *John Templeton* por sua relevante contribuição no fomento do diálogo não apenas intrarreligioso e interreligioso, mas também com humanistas seculares, como ateus e agnósticos. Nessa sua obra mais recente, *O Entardecer do Cristianismo*, ele nos brinda mais uma vez com sua análise perspicaz do complexo fenômeno da fé, num mundo ao mesmo tempo secular e espiritualizado.